



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14277 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

“ENTRE O RIO E A MATA”: um olhar decolonial sobre as imagens e representações das infâncias de crianças ribeirinhas e suas implicações na prática escolar nas ilhas de Abaetetuba-Pa

Maria Francisca Ribeiro Correa - UFPA - Universidade Federal do Pará

### **“ENTRE O RIO E A MATA”: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE AS IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA ESCOLAR NAS ILHAS DE ABAETETUBA-PA**

**Resumo:** Este trabalho resulta do texto doutoral, intitulado “Entre o rio e a mata: um mergulho decolonial na etnografia com crianças ribeirinhas, na Comunidade do Rio Paruru, Ilhas de Abaetetuba- Pa. Objetivou analisar as imagens e representações das infâncias construídas e veiculadas por crianças ribeirinhas e sua relação com as práticas escolares. Ancorando-se no pensar de Freire (1996), Dussel (1993), Quijano (2010), Mignolo, (2014); Walsh (2012), Arias (2010) e Arroyo (2014), possibilitando enxergar a etnografia decolonial como uma ferramenta emancipadora na/para a pesquisa com crianças. É uma opção eco-política e crítica frente às práticas escolares que invisibilizam, subalternizam e silenciam os modos de viver e produzir a existência das infâncias à beira dos rios na Amazônia. A metodologia é conduzida pela Etnografia Decolonial. A coleta de dados se deu mediante a observação participante, roda de diálogo com crianças, entrevista, árvore dos sonhos, oficina de produção do mapa comunitário e oficina de desenho e passeio encantado, ancorados, inicialmente no levantamento bibliográfico sobre a temática em evidência, mas sobretudo, construídos no contexto da participação e interação na vida comunitária das crianças.

**Palavras-chave:** Infâncias, Decolonialidade, Etnografia e Representação.

#### **O lado de cá do rio; elementos introdutórios**

Assim como é pelo rio que as águas se movem, abrindo uma diversidade de formas de vida, a mata, também é o um elemento essencial para a produção das condições necessárias à sobrevivência das populações ribeirinhas. De modo que, este trabalho, representa o mergulho, a filiação e o compromisso, ético-político, social, histórico e cultural com as crianças ribeirinhas, ligando o rio e a mata, continuamente, enquanto espaços/territórios/lugares de possibilidades para a

produção de conhecimentos outros. O objetivo da pesquisa foi analisar as imagens e representações das infâncias produzidas e veiculadas por crianças ribeirinhas na Comunidade do Rio Paruru, em Abaetetuba-PA, a qual assumiu como categorias analíticas os construtos conceituais acerca das infâncias, da etnografia decolonial, das representações, através das imagens produzidas no contexto sociocultural das crianças.

Esse movimento impulsionou a pesquisa a constituir o pensar acerca da seguinte situação-problema: em que medida as imagens e representações das infâncias construídas e veiculadas por crianças ribeirinhas no contexto de suas vivências implicam nas práticas escolares nas Ilhas de Abaetetuba? Como as crianças ribeirinhas produzem e representam as imagens de suas infâncias no contexto das práticas escolares? Existe alguma relação entre essas imagens e as representações de suas infâncias e as práticas escolares?

### **A opção decolonial como rio que produz a vida: fundamentos teóricos**

A decolonialidade marca o campo teórico-referencial de contraposição à colonialidade vivida e reproduzida no âmbito das práticas escolares no cotidiano das escolas ribeirinhas. É um movimento de enfrentamento ao processo de marginalização das infâncias e das crianças ribeirinhas. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma perspectiva crítica pelos/com autores latino-americanos, cujo objetivo é a luta pela emancipação em relação ao ideário colonialista da subjetividade, posicionando-se na defesa da construção e formação de um pensamento que evidencia os saberes locais, conjugando e conjecturando a elaboração de “Epistemologias Outras”, enquanto energia contrapõe-se ao discurso da modernidade universal que reforça a produção da colonialidade, tendo a escola e as práticas escolares como principal de via de produção e perpetuação dessa lógica.

A colonialidade do poder, tal como foi conceitualizada por Quijano (2010), é a chave analítica que permite visualizar o espaço de confluência entre a modernidade e o capitalismo, bem como o campo formado por essa associação estrutural. É justamente nesse campo de confluência e conjunção que se veem afetadas, de modo heterogêneo, porém contínuo, todas as áreas e modos de produção da existência social, tais como a sexualidade, a autoridade coletiva e a “natureza”, além, é claro, do trabalho e da subjetividade.

A decolonialidade compartilha um conjunto sistemático de enunciados teóricos que revisitam e questionam o marco histórico e conceitual de constituição da modernidade, principalmente, a localização das origens da modernidade na conquista da América e no controle do Atlântico pela Europa, tendo como marco histórico o ano de 1492 e não o Iluminismo ou a Revolução Industrial, como é

comumente aceito (DUSSEL, 1993). Enquanto energia descontente realiza o exercício teórico-prático, como práxis transformadora.

Com Ciampa (2011) constituiu-se a compreensão sobre os processos de representação quando defende que ela não é inata, ou está dada; é uma construção social, histórica e cultural. É vista pelo autor como produto e produção inscrita em um determinado contexto e tempo histórico. A identidade ribeirinha emerge como tal na medida em que seus sujeitos partilham e compartilham experiências com seus pares; ensinam/aprendem e aprendem/ensinam num contexto de vida comunitária.

Nesse sentido;

[...] la tarea de una teoría crítica de la sociedad, es la de asumir el desafío de la descolonización de la ciencia, lo que implica desenmascarar toda una serie de categorías dicotómicas con las que se trabajó en el pasado, y aprender a nombrar la realidad sin caer en el esencialismo y el universalismo de los metarelatos, de los paradigmas, añadiríamos, las epistemologías de occidente, lo que implica la tarea no sólo de re-pensar, si no de senti-pensar de corazonar la tradición de la teoría crítica, a fin no sólo de “reconstruir los viejos odres, para que puedan contener el nuevo vino [...]” (ARIAS, 2010, p. 49).

Nesse sentido, essa compreensão exige o reconhecimento da alteridade enriquecedora, bem como da pluralidade dos modos de ser criança e produzir infâncias em diferentes contextos socioculturais. Por isso as imagens – constituídas por desenhos, mapas e fotografias - se revelaram como formas de pensar e significar o mundo, ao mesmo tempo em que transmitem os valores culturais dos tempos e espaços em que foram/são produzidas. Nelas e através delas, as crianças (de)marcam o espaço social de produção de suas infâncias. As imagens são narrativas visuais que comunicam, transmitem uma mensagem são pontes de interlocução entre o diálogo com o texto e o contexto que, por ser imagem-texto na perspectiva cultural, são concebidas como produto discursivo carregado de sentidos e significados (PEREIRA, 2013). Elas não são meramente ilustrações, signos, ícones ou apenas símbolos que transmitem um discurso social, historicamente produzido e veiculado em um determinado contexto sociocultural.

### **Um mergulho decolonial na etnografia com crianças ribeirinhas: as pontes da pesquisa**

As práticas escolares presentes nas escolas ribeirinhas assumem como referência uma matriz colonial de saber, de formação do ser, por isso mesmo reforçam o epistemicídio, sufocam os saberes diferentes, silenciam e ocultam tudo e todos/as que não se enquadram na lógica cultural dominante, formatada para produzir mulheres e homens submissos/as, oprimidos/as e passivos/as. Dessa forma, conceber perspectivas metodológicas capazes de tecer pontes para o

(re)pensar as práticas escolares, à partir dos sujeitos que dela participam e compartilham, considerando seus saberes e suas experiências produzidas no contexto de suas vivências, é condição premente e urgente no sentido de instituir referências curriculares que quebrem o silenciamento, a invisibilidade e o ocultamento do outro.

O trabalho desenvolvido no âmbito da pesquisa doutoral se constituiu como o canal de um rio - enquanto trecho mais profundo que permite a passagem de embarcações maiores para outros lugares- como lugar essencial para vislumbrar estratégias metodológicas que pudesse alargar o leito do rio para pensar práticas pedagógicas decoloniais construídas a partir das experiências com as infâncias de crianças ribeirinhas. A pesquisa surgiu a partir de novas construções epistêmicas de participação, colaboração e horizontalidade investigativa que apontem para possibilidades de pensar/construir uma Etnografia Decolonial com crianças ribeirinhas nas Ilhas de Abaetetuba. A pesquisa de cunho qualitativo, denominada como Etnografia Decolonial, com 10 (dez) crianças, interlocutoras, da Comunidade do Rio Paruru, nas Ilhas de Abaetetuba-PA, ocorreu entre novembro de 2019 à outubro de 2022, interrompida entre os meses de março e agosto de 2020, devido ao agravamento da crise pandêmica da Covid-19. Posteriormente, no mês de setembro desse mesmo ano, foram retomadas as atividades de campo e concluídas em outubro de 2022. O percurso metodológico, assim como as técnicas e os instrumentos de pesquisa, vieram do cotidiano das experiências de vida das crianças, como: a Observação Participante, Roda de Diálogo com crianças, Entrevista, Árvore dos Sonhos, Passeio Encantado, Oficina de Produção do Mapa Comunitário e Oficina de Desenho.

### **Entre o rio e a mata: os achados da pesquisa**

Os resultados apontam que as crianças ribeirinhas produzem seus saberes e vivem suas experiências na relação com os elementos presentes em seu cotidiano, em geral, ligados ao contexto do rio e da mata. Nas brincadeiras, elas utilizam esses espaços para brincar e conseguem (re)criar e (re)inventar novas brincadeiras e novas formas de brincar utilizando os objetos de seu contexto sociocultural, assim como produzem e socializam os saberes sobre o rio, a mata, a pesca, a baía e seus tempos/espaço. Porém, na medida em que adentram o espaço escolar, são “despidas” de suas “vestes” e forçadas, treinadas, adestradas para assumirem e adotarem outras identidades, outras maneiras de “ser” criança, de produzir suas infâncias. Seus saberes e fazeres são anulados diante das verdades incontestáveis de um saber absoluto, universal, opressor, segregador presente em práticas curriculares eurocentradas. Por isso, a pesquisa, além de enfatizar os elementos que constituem as imagens e representações das infâncias ribeirinhas, aponta para possibilidades em que os saberes e fazeres das crianças se constituem como ferramenta poderosa para repensar a base e a orientação

curricular das escolas ribeirinhas, assim como as didáticas, as metodologias e o próprio fazer pedagógico que passa a ser olhado a partir das necessidades e contextos de vida das crianças ribeirinhas.

Constatou-se que ao entrar no dia-a-dia da escola as crianças, interlocutoras da pesquisa, esforçavam-se para assumir outra identidade, outros mundos, que cada vez mais se distanciam da realidade em que elas vivem no convívio comunitário. À luz das reflexões de Walsh (2017), que trata sobre a necessidade de decolonizar as formas de conhecimento historicamente constituídos e construídos sobre a lógica da colonialidade do saber, observamos que as práticas curriculares, oficializadas e instituídas no chão da escola, carregam valores, princípios e saberes que desprezam e minorizam as experiências oriundas do cotidiano de vida das crianças. Além disso, os conhecimentos locais, oriundos de nossos contextos culturais, encontram-se fora das práticas curriculares, sendo esse postulado em segundo plano, em virtude de uma sociedade e uma minoria social que presa o seu desenvolvimento levando em consideração somente suas essenciais necessidades, ou melhor, os interesses de um sistema que continua colonizando o Ser, o Saber e o Poder, subalternizando e invisibilizando outros conhecimentos que ficam à margem do contexto das práticas curriculares.

As práticas curriculares implementadas pela escola ribeirinha se constituem em pedagogias brutais que fabricam a inexistência, são reforçadas e persistem em nossa história desde a colonização, (en)cobrando os modos de existir e produzir as infâncias de crianças ribeirinhas. Por isso, se as práticas curriculares (re)produzem sujeitos inferiores é preciso (re)xistir e insistir na invenção de outras formas de pensar-se e de formar-se, é urgente outro pensamento sociopedagógico.

### **Considerações Finais**

Um olhar pode mirar muitos lugares, pessoas, situações, realidades, constâncias e inconstâncias de um tempo outro que se fez na partilha do “Bem Viver” do “sentir-pensar” para encorajar uma jornada coletiva, assim é o viver a Etnografia que chamamos de Decolonial, uma atitude que comprometeu com a construção de pontes entre as infâncias produzidas e veiculadas por crianças ribeirinhas e as práticas escolares nas Ilhas de Abaetetuba.

A Etnografia Decolonial nos fez viver as experiências do corazonar numa íntima relação entre o sentir e o pensar e tem um sentido político insurgente que nos permite pensar a teoria, a política, a economia com o coração. Corazonar, portanto, é o lócus de enunciação do sentir, pensar, falar, significar e construir um pensamento outro que abre infinitas perspectivas para a construção de novos horizontes civilizatórios e de existências outras que, muito mais do que epistemologias, necessita de sabedorias.

As práticas com a Etnografia Decolonial demonstram possibilidades para engendrar e perspectivar novos horizontes. Entre tantas sabedorias compartilhadas, a experiência de etnografar com crianças se apresenta como ferramenta significativa para pensar os processos educativos, a organização das escolas do campo, sejam elas ribeirinhas, quilombolas, caiçaras, indígenas, extrativistas, das matas, das águas e das florestas.

## Referências

ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar: **Uma antropologia comprometida com a vida: Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización, del poder, del saber, del ser.** Abya-Ayla; Quito – Ecuador, 2010.

ARROYO, Miguel. O significado da infância. In: **Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil.** Brasília, MEC / SEF /COEDI, 1996.

\_\_\_\_\_. Outros sujeitos, outras pedagogias. 2ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

DUSSEL, Enrique. 1492 O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade . – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistémica:** retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. **Imagens da diferença: artes visuais e diversidade sexual no ensino fundamental.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir.** Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2012.